

Trajatórias, narrativas e memórias de imigrantes libaneses no Ceará.

Trajectories, narratives and memories of Lebanese immigrants in Ceará.

Ruben Maciel Franklin*

Resumo: No presente artigo, utilizamos as memórias de descendentes libaneses, nascidos em Fortaleza-CE, enquanto arcabouço documental para emprendermos a discussão acerca de vínculos familiares e de conterraneidade explorados pelos imigrantes na decisão de deslocarem-se do Líbano e, em algum momento, optarem pelo Ceará em seus projetos de vida. Com isso, podemos alcançar as múltiplas movimentações em que esses sujeitos estavam envolvidos, tanto no estado como nas mais diversas cidades brasileiras, através de contatos e interações emergidas no processo migratório. As memórias, nesse âmbito, são percorridas levando-se em conta todo o material afetivo e “nostálgico” presentes nas narrativas dos descendentes, atendo-se igualmente ao fato de que as mesmas são demarcadas por “esquecimentos” e elaboradas a partir de identidades sociais postuladas dentro das famílias.

Palavras-chave: Imigrantes. Libaneses. Memórias.

Abstract: In this article, we used the memories of Lebanese descendents; born in Fortaleza-CE, while documentation to undertake a discussion about familial association explored by immigrants in your decision to leave Lebanon and choose for the Ceará in their projects of life. Therewith, we can reach the different movements where these immigrants were articulated, in the state of Ceará and other Brazilian cities through of contacts and interactions created in the migratory process. The memories are analyzed as an affective and “nostalgic” material existing in the narratives of descendents, detaching that these narratives are elaborated with “forgetfulness” and created whereof social identities inside of the families.

Keywords: Immigrant. Lebanese. Memories

Num ensaio em que se propõe a enaltecer o papel de sua ascendência familiar nas “origens” de uma imigração libanesa para o Ceará, Zaíra Ary, neta de libaneses nascida em Fortaleza, traz elementos significativos para explorarmos os meandros constituintes da, e

* Doutorando em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF). O presente artigo constitui parte de minha pesquisa de mestrado (“gallegos”, “gombadres” e negócios: os imigrantes libaneses na Praça mercantil da cidade de Fortaleza-CE, 1890 – 1930) realizada junto ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Ceará (UFC).

constituídos na e por uma *cultura migratória* (TRUZZI: 199 – 218, 2008).¹ A autora em questão expressou-se nas seguintes palavras,

Sobre o início da migração para o Ceará me contaram que, em 1888, vieram para o Brasil, chegando de navio primeiramente ao Rio de Janeiro e logo seguindo para Teresina (Piauí), o “sírio” – libanês Demétrio Dibe (Mitri Dib) e seu irmão Elias Dib. Demétrio nascido em Trípoli (Líbano), em 16 de agosto de 1859, era funcionário da prefeitura de Trípoli e era o mais velho de três irmãos. Conta-se que um dos irmãos, chamado Antônio, fora assassinado por um muçulmano e o outro, Elias, sapateiro, queria vingar sua morte. Mas Demétrio conseguiu convencê-lo a emigrar com ele para assim evitar novas rixas e nova tragédia. Ele próprio teria sido animado a vir por um convite sedutor. Dizem que no Piauí já estava um certo libanês que se correspondia com Demétrio, insistindo em suas cartas que o Brasil era uma terra para ganhar dinheiro – uma espécie de ‘terra da promessa’.

Foi lá no Piauí que Demétrio fundou sua primeira loja. Para comprar mercadorias, foi muitas vezes ao Rio de Janeiro. Numa dessas viagens de navio conheceram a cidade de Fortaleza. Demétrio teria gostado muito do clima de Fortaleza e resolveu mudar para o Ceará cerca de três anos depois. Ao se mudar com seu irmão Elias (...), mandou vir do Líbano sua mãe, Angelina, sua esposa, Rufina Tromps Dibe, e Zaíra, sua única filha na época, com dois anos de idade.

(...) Nos tempos áureos (anterior a 1914), ele viajava freqüentemente para o Amazonas, aonde ia fazer compras.

(...) Em 1918, ele tinha uma carteira de identidade expedida do Pará. De lá partiu para os Estados Unidos para visitar alguns parentes. (...)

*Com o decorrer do tempo, Demétrio, que muito elogiava o Ceará, comprou vários bilhetes de viagem, assim facilitando a vinda de outros parentes seus. D. Angelina, mãe de Demétrio, influenciou na vinda de sua irmã Asma Zarlut, que trouxe filhas e genros. Contam que quando Demétrio mandou buscar sua família sobrou uma passagem que serviu para a vinda de seu primo chamado Elias Jacob Romcy que, no Líbano, trabalhava com mármore.*² (ARY, Zaíra, 2002) (grifo meu)

Movida e comovida afetivamente pelas intempéries e peculiaridades dos caminhos percorridos por seus ascendentes, a autora citada não hesitou em reafirmar que sua “ficção histórica” era antes fruto de “informações precárias e de generalizações provisórias”. O legado primário e instintivo da presença de libaneses em Fortaleza, o qual consta no próprio subtítulo do ensaio (“primórdios de uma imigração”), também se torna parte integrante desta

¹ A opção por utilizar o conceito “cultura migratória” se valeu tanto do processo de investigação empírica (valores compartilhados entre libaneses ao optarem por saírem da terra de origem, pelos depoimentos contidos nas entrevistas utilizadas), quanto pelo trato bibliográfico, ao observar que o sociólogo Oswaldo Truzzi se apropriou do mesmo na intenção de esboçar a manutenção de deslocamentos territoriais a partir de vínculos familiares e de amizade, pautados na solidariedade e ajuda mútua. A noção de “cultura migratória”, portanto, se remete aos deslocamentos pautados nos laços comunitários (compartilhamento de valores, crenças e costumes) existentes no grupo étnico, capazes de se refazerem na nova terra e atuar diretamente na opção dos sujeitos por sair da terra natal e ir ao encontro de parentes e amigos que já haviam emigrado, constituindo o que o podemos denominar de “rede étnica de migração”.

² ARY, Zaíra. *Libaneses no Ceará. Um pequeno ensaio sobre os primórdios de uma imigração*. p. s/n. Texto obtido via acervo pessoal da referida autora. Zaíra Ary é professora aposentada de Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), tendo publicado o mesmo ensaio no livro: CHAVES, Gilmar (org.). *Ceará de Corpo e Alma*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

seiva persistente e instituidora da memória familiar, cujos traços são compostos mistos de glorificação passadista, celebração individual, rememoração e, porque não, fragmentos de romantismo.

À parte essas intenções de definir um lugar próprio ao início de uma “imigração” libanesa para o Ceará, visualizam-se uma gama de informações que, uma vez em diálogo com as tessituras de um projeto migratório (VELHO, 2003), trazem à verificação os contornos familiares que decidiam trajetórias individuais e coletivas. Demétrio Dibe somente decidira-se pela emigração após “sedutores” convites remetidos por um patrício, atizando sua imaginação com relação à fácil riqueza e prosperidade. Dada as circunstâncias estabelecidas no Líbano à época (desemprego urbano e rural, crescimento populacional, pressões político-religiosas do Império Turco), as citações indicativas à “terra de promessa” nos conteúdos das cartas não me parecem que se apoiem, exclusivamente, em influências “teórico-abstratas” acerca das imigrações já dominadas pela autora. Outra vez, evidenciam algum fundamento concreto nas opções particulares do mencionado libanês, açambarcado por intermédio de histórias familiares e compreensão de conjunturas históricas que possibilitaram a emigração.

O conflito religioso vivido em família de certo funcionava como um elemento delimitador do *campo de possibilidades* que, então, cruzava a vida desses sujeitos, fazendo da experiência de deslocamento algo negociado coletivamente e delineado a partir das expectativas vislumbradas. (VELHO, 2008: 13 - 40) As informações recebidas previamente do Piauí entram no cerne dos objetivos traçados por Demétrio Dibe ao adentrar a rede de migração. Provavelmente, este já detinha um conhecimento das atividades urbanas e local de moradia de seu conterrâneo para avaliar ganhos e perdas, isto é, possuía uma margem de manobra mais ou menos tangível pela qual poderia movimentar-se.

É interessante observar para além dos objetivos iniciais, as constantes mudanças nas rotas percorridas por esses imigrantes. Comercializando no Piauí, “onde fundou sua primeira loja”, entraram em contato com uma ampla e dinâmica rede comercial que, colocando-os em transações com diferentes regiões, alargou significativamente o *campo de possibilidades* perante o qual seu projeto migratório ganhava corpo e se locomovia. Diferentes lugares conhecidos, novas realidades interpretadas, sensibilidades aguçadas e originais sociabilidades experimentadas. Somente nessas condições encontramos bases para analisarmos como a partir de um momento específico (final do século XIX), o Ceará veio a ser considerado, efetivamente, pelos libaneses em suas viabilidades e oportunidades oferecidas a materialização da melhoria de vida.

Ora, uma observação atenta aos almanaques do Ceará, nos potencializa a crer em uma extensa rede de comércio bem delineada interligando cidades e regiões já no final do

século XIX, tornando os fluxos de comerciantes e mercadorias ativos e constantes.³ O porto fortalezense, favorecido pela função comercial das estradas de ferro, funcionava como escoamento de matérias-primas (café, algodão, etc.) ao mesmo tempo em que recebia mercadorias estrangeiras, distribuindo-as sertão adentro por rotas que chegavam até outros estados como Piauí, Pernambuco e Maranhão. Do porto, companhias de navegação embarcavam e desembarcavam negociantes de Norte a Sul do país, não sendo infreqüente também o intercâmbio de informações e trocas mercantis provenientes de mercadores e/ou agentes de firmas comerciais oriundos de Manaus, Belém, São Luís, Rio de Janeiro e São Paulo. (TAKEYA, 1995)

Paul Walle, viajante francês que percorreu boa parte da costa brasileira, ao transitar pela capital cearense no início da década de 1910, anotou os seguintes contrastes em sua fisionomia,

Dado o conceito que goza cidade, de ser um lugar pouco atraente, sem produtos a oferecer, o viajante é tomado de surpresa, ao deparar-se com entrepostos cheios de artigos variados, prontos para serem embarcados, (...) Também surpreende a animação reinante nas ruas, longas e retas que atravessam a cidade de um extremo ao outro. As de maior comércio são as Ruas Facundo, Formosa (Castro e Silva), e Marechal Floriano, na qual se encontra um velho mercado de aspecto pitoresco. (...) De modo geral, observa-se uma certa atividade e o comércio parece relativamente importante. Aliás, Fortaleza é o entreposto de quase todo estado. (WALLE, 2006 [1920]: 223 e 224)

Sem comportar um desenvolvimento industrial em maior escala e, nesse mesmo período, se restringindo a um pequeno número de fábricas de secos e molhados (massas e vinhos), artigos de uso pessoal (malas, calçados, gravatas e chapéus) e materiais de construção (tijolos, cal e telhas), muitas voltadas ao abastecimento logístico e ambulante,⁴ Fortaleza demarcava uma “identidade” urbana, especialmente, na constituição de uma praça mercantil. A capital funcionava, assim, como um ponto de parada e abastecimento no intercâmbio comercial Norte-Sul. Local de circulação de mercadorias e fluxo de pessoas,

³ Biblioteca Pública Menezes Pimentel do Estado do Ceará (BPMP). Setor: Obras Raras. CÂMARA, João. *Almanach Administrativo, Estatístico, Mercantil, Industrial e Litterário do Estado do Ceará*. anno 6. Ceará – Fortaleza: Typographia Universal, 1899, p. 122 -127. Os dados dos almanaques relativos às transações e contatos bancários ajudam a esclarecer os trâmites das negociações empreendidas pelo comércio, envolvendo transações e créditos em cidades como Belém, Manaus, Recife, Rio de Janeiro, São Luís, entre outras. Constando igualmente vínculos com representantes internacionais, entre os quais americanos, alemães, franceses e ingleses.

⁴ BPMP. CAMARA, João. *Almanach Administrativo, Estatístico, Mercantil, Industrial e Litterario do Estado do Ceará*. Anno 6. Fortaleza – Ceará: Typ. Universal, 1899, pp. 119 – 141. Ao todo foram computadas 41 fábricas distribuídas da seguinte forma: Calçados (1); De cal marmoça (1); De Gelo (1); De Gravatas (2); De Massas (1); De Malas (1); Refinação (2); Redes (2); Sabão (2); Tecidos e Fiação (4); Torrefacção de café (3); Telhas e Tijolos (1); Vinhos e Caju (2); Velas de Cera (1); Distillações (6); Cigarros (7); Chapéus de sol e Chapéus (4). É necessário lembrar que tais fábricas condiziam com um trato bem artesanal dos produtos, funcionando muito mais como uma oficina, onde “artistas” (artesãos e manipuladores) desenvolviam as atividades enquanto empregados.

enredada justamente por funcionar como um centro de redistribuição e alimentação de negócios (TAKEYA, 1995: 111).

Creio que, ao adentrar o “mercado de aspecto pitoresco” (possivelmente, a Praça José de Alencar), Paul Walle se deparou com diversas bancas de negociantes, entre as quais a de libaneses e/ou indivíduos de outras nacionalidades. Falo isto porque o mercado de repasses e trocas, de compra e venda de artigos e gêneros na urbe, se alargava na proporção que novas firmas e armazéns eram abertos. Os conhecimentos pessoais operacionalizavam a inclusão de sujeitos em rotas de vendas e trâmites mais ou menos imprevistos, fazendo do centro citadino um espaço em ebulição, onde a presença de comerciantes ambulantes e lojistas era muito sensível e, por que não, norteadora das movimentações de imigrantes na e para a cidade.

Desse modo, uma vez situados nessa extensa rede, os irmãos Demétrio e Elias Dibe, até então residentes no Piauí, debateram-se com novas realidades. Os negócios junto a Praça do Rio de Janeiro (e, possivelmente, em outras urbes) abriram as “portas” para outras cidades, viabilizando aos imigrantes ponderarem acerca das alternativas postas nestes outros espaços para, posteriormente, experimentá-las. Este parece ter sido um caminho acessível que explica, pelo menos em parte, a inserção dos libaneses no Ceará e os meandros de uma “colônia syria” no estado. Migrados que, providos de algum cabedal amealhado em outras cidades, decidiam apostar nas vicissitudes encontradas, principalmente, em Fortaleza. Uma “aposta” com bases sólidas no reconhecimento e aprendizagem das interações originais em que passaram a estar inseridos (WILLIAMS, 1981).

Os libaneses a que estamos nos reportando lidavam com relações diversas e contraditórias. Decorridos três anos após a chegada dos mesmos em Fortaleza, passando a residirem à Rua das Flores (Castro e Silva) e comercializando “(...) com uma pequena banca de miudezas em geral, no antigo mercado central, na Rua Conde D’Eu (Praça Valdemar Falcão). Depois, com sua loja ‘Dimitri Dibe & Irmão’ (...)”,⁵ os já sócios lançaram-se em novas contexturas. As cobranças feitas diretamente no Amazonas, a “carteira de identidade” expedida no Pará e a viagem realizada aos Estados Unidos para “visitar alguns parentes” evidenciam uma complexa e dinâmica rede social acionada entre os imigrantes.

Vínculos mais estreitos com patrícios validavam todos esses deslocamentos. E apesar de não haver indicações no ensaio, fica subtendido que as negociações empreendidas nas viagens falavam mais tacitamente da existência de conterrâneos no Pará e no Amazonas com os quais os aludidos irmãos mantinham permanentes amizades e compromissos. A “visita aos parentes” estabelecidos nos Estados Unidos denota uma

⁵ ARY, Zaíra. 2002, s/n. Acervo pessoal de Zaíra Ary.

perenidade dos laços e um afrouxamento de determinados limites impostos aos deslocamentos. É provável que as relações construídas no período em que estiveram no Piauí continuassem a render “frutos” no tocante às atividades comerciais, não sendo improvável o trânsito continuado de outros patrícios entre esses estados, valendo-se de conhecimentos tecidos em meio a conterrâneos.

A manutenção desses contatos era de significativa importância para os imigrantes libaneses orientarem e organizarem suas trajetórias. Através destes, novas realidades eram tratadas culturalmente e dotadas de sentido e significado dentro das expectativas impingidas na imigração (SAHLINS, 2003). Os irmãos Demétrio e Elias Dibe estavam entrelaçados e compartilhavam de uma flexível teia de influências e “compadrios”,⁶ caracterizada por elos familiares e de conterraneidade carregados de experiências comunicadas e entrecruzadas. Permutas de informações aquecendo esses deslocamentos possibilitavam o caminhar desses indivíduos por meio de uma rede étnica de migração, a qual costurava projetos imigratórios aparentemente dispersos e incomunicáveis, suscitando assim rotas para explorarem outras possibilidades.

A ininterruptão dos vínculos com os familiares no Líbano também se interpõe no corpo da discussão relativa à inserção dos libaneses no estado. Neste ponto, o fator que exerce maior influência na opção dos sujeitos por emigrarem (seguindo em direção ao Ceará), é senão, a organização interna da família nuclear e a confluência e reciprocidades medidas nas relações com outros parentes e amigos pertencentes, quase sempre, a uma mesma aldeia (ou cidade). Ao esboçar as “esperanças” postas pela emigração, os sujeitos tratavam dentro da família as potencialidades aí existentes, discutindo e projetando suas vidas. Desse modo, tornava-se viável remeter-se a terra de origem e nortear a vinda de mãe, esposa e filhos.

Essas tramas circunscreviam um movimento imigratório avaliado coletivamente, levando em consideração à condição sócio-econômica familiar no Líbano, a visualização de oportunidades concretas na emigração e as diferentes conjunturas e relações experimentadas pelos indivíduos na nova terra. Portanto, a inserção de libaneses em Fortaleza se desenvolvia também na “importação” de parentes, quando imigrantes adquirindo meios consistentes de sobrevivência viabilizavam a viagem destes, os quais emigravam no porte de informações e laços previamente definidores do lugar de destino.

A força da consangüinidade nas aldeias, apimentada decerto por afinidades e amizades realimentavam os significados da *cultura migratória* que se processava. As

⁶ A relação entre “compadres” aqui, foge da perspectiva de personalismo e patriarcalismo, a qual reitera troca de favores e auxílios em benefícios comuns e recíprocos, para localizar uma relação mais ligada à amizade e pertença étnica, do sentimento de aproximação clivado em laços demarcados na terra de origem.

“influências” que perpassavam tais interações davam novos sentidos à emigração e incrementavam as decisões conjuntas de partida, no caso aqui explicitado, para o Ceará. A vinda de Angelina (mãe de Demétrio Dibe) e de Rufina Tromps (sua esposa) acionou toda uma cadeia de arranjos e rearranjos familiares, possibilitando o movimento emigratório de tios e primos, desenvolvendo nesse âmbito sucessivas gerações de imigrantes de uma mesma região, em condições diferenciadas, chegando ao Ceará sob desiguais circunstâncias.

Para não ficarmos resumidos a narrativa de Zaíra Ary e avançarmos em torno do que até o momento foi explicitado, coloco em discussão parte da memória de Eleonor Ary, descendente de imigrantes libaneses, nascida em Fortaleza no ano de 1929. Esta, ao se referir as nuances que animaram a emigração de seus ascendentes ao Brasil e mais especificamente ao Ceará, fez as subseqüentes considerações:

Meu nome é Eleonor Ary, filha de José Salim Ary e Afife Safadi Ary. (...) Minha avó Nahza casou-se com o meu avô Salim. (...) Tiveram quatro filhos. A primeira morreu logo, nunca soube o nome dela. A mais velha se chamava Marriba, José era o filho do meio (José Salim Ary) e Nadra era a caçula.

O Habib meu bisavô, casado com Zafir, tinha cinco filhos e muitas propriedades. Meu pai dizia que era em Zahle e no Monte Líbano. Havia um terreno muito grande. (...)⁷ (grifo meu)

Através desta exposição entramos em conversação com as sucessivas gerações que estiveram entremeadas na percepção do projeto imigratório, cabendo observar, além disso, as texturas de seus condicionantes familiares.

Mas a Marriba que era minha madrinha, o papai (José) e o Nadra estudaram no colégio Anglo-Americano. Juntamente com os primos Aziz e Nagib que eram filhos de Amin Ary, irmão do meu avô.

Eles moravam no campo, mas estudavam em Beirute, em colégio interno. Nas férias é que eles iam para casa. Porque era distante. Foi a Amin que os chamou que eles viessem para o Brasil porque lá no Líbano não havia oportunidades para os rapazes. Minha tia avó Zaíra com o meu tio avô Amin vieram para o Brasil em 1910. Sei que foi antes da guerra, trouxeram o filho mais velho que era o Wadih. A vovó ficou cuidando dos sogros. (...)

Quando a vovó Zaíra e o vovô Amin vieram para o Brasil, veio também Jorge Ary, o irmão dele, e Afife Ary que era a mulher dele (...) Quando a vovó (Nahza) se preparava para vir pra o Brasil, meus bisavós não queriam deixar que ela viesse porque os dois velhos ia ficar sós. Já tinha vindo todo mundo embora para cá.⁸ (grifo meu)

A alusão dirigida à formação educacional do pai, tios e primos destes situa-se num conjunto de interações que pontuam as influências existentes não somente entre os

⁷ NETO, Aziz Ary (Org). “Relatos do ‘Ocidente’ Médio. A família Ary conta suas histórias”. 2009, p. 46. Livro de entrevistas obtido via acervo pessoal do referido organizador.

⁸ NETO, Aziz Ary (Org.). 2009, p. 46 e 47.

membros da família nuclear, mas que abrangem interesses recíprocos fora desta, muito arraigados à *cultura migratória* (TRUZZI, Op. Cit, 2008). Um planejamento coletivo, onde a decisão de emigrar era tomada com base numa negociação de valores associada à visualização de novas oportunidades e melhoria dos padrões sócio-econômicos. A isto se seguia determinadas circunstâncias familiares e históricas,

A minha tia, a madrinha Marriba casou-se no Líbano. Mas o rapaz era brasileiro, filho de libaneses, Salim Chuairi. Ele foi para o Líbano atrás de uma noiva e gostou da madrinha que tinha uns 12 anos. (...) Casou-se e veio embora para o Brasil, para o Maranhão.

Então Amin e a Zaíra escreveram para o Líbano para que a vovó (Nahza) viesse com os meninos. Que era o tio Nadra e o papai (José Salim Ary), com os primos Aziz e Nagib.

Quando a vovó Nahza chegou, em 1918 ou 19, depois da guerra, o Amin alugou uma casa para eles. (...) A madrinha Marriba veio para cá do Maranhão. (...)

A vovó Nahza chorou muito quando a sua filha, madrinha Marriba casou. (...) Então, o sonho dela era vir para o Brasil para ficar perto da filha dela, mas só que ao invés de ir para o Maranhão, vieram para Fortaleza porque o vovô Amin quis que eles viessem para cá, porque ele queria ficar com os filhos dele e ajudar o Nadra e o José, que eram filhos do irmão dele, quando eles chegassem aqui. (...)

A vovó morria de medo que ele (José Salim Ary) se casasse com uma moça brasileira, e escreveu para o tio Chycr Safady, um dos irmãos dela lá no Rio, perguntando se não tinha uma moça, filha dele para casar. (...)

A mamãe, quando chegou ao Ceará, vinda do Rio chorava todo dia. (...) Aqui era uma aldeia, não tinha luz elétrica, não tinha calçamento. Burros de carga passando na rua. (...) ⁹ (grifo meu)

Logicamente, trata-se de uma cadeia de relatos que convergem em certos aspectos com o ensaio de Zaíra Ary, numa perpetuação de lembranças enlaçadas no seio de uma mesma família. (BARROS, 1989: 33) Contudo, o objetivo não é destacar a trajetória de uma família imigrante em particular, esboçando seus hiatos e singularidades. O uso desses relatos parte, sobretudo, da ciência do autor acerca das limitações impostas pelas fontes, sabendo também de sua importância no objetivo de reconstruir as tramas, trajetórias e os conflitos atinentes ao projeto imigratório dos libaneses que, de certa forma, eram compartilhados por aqueles indivíduos que direta ou indiretamente se inscreviam na imigração.

Pelas referidas informações obtemos que Amin Ary e Zaíra Ary haviam saído do Líbano em 1910, quando irrompendo a deficiência de oportunidades e abertas às vias de emigração, procuraram novas alternativas, sendo estas ponderadas também por seu irmão Jorge Ary. Como já salientamos a decisão de emigrar se delineava tendo em vista sólidas informações de patrícios residentes no Brasil. No caso, temos que sublinhar a presença de

⁹ NETO, Aziz Ary (Org.), p. 47, 48, 53 e 54.

Salim Chuairi no Líbano, filho de libaneses residente no Maranhão que viajou, potencialmente, para casar-se com Marriba (sobrinha neta de Amin Ary) mais ou menos no mesmo período em que emigraram. O que podemos levantar é que os contatos além-mar já viessem se conduzindo a algum tempo, preparando não somente os arranjos para o casamento como desenhando aos poucos um projeto de imigração.

A decisão de emigrar estava condicionada a acordos e negociações comuns mais ou menos concebidos na *cultura migratória*. (BASSANEZI, 1999: 169) Relações de obrigação e ajuda mútua na família (e na aldeia ou cidade) possibilitaram um rearranjo interno entre os parentes próximos, tanto que dois dos filhos de Amin Ary (Aziz e Nagib Ary) permaneceram no Líbano no convívio com tia (Nahza Ary) e primos. Por volta de 1918/19, as cartas remetidas do Ceará por Amin Ary, provavelmente, em conjunto com o dinheiro ou passagens abriram o caminho da migração para o restante dos patrícios.

Após a vinda destes para Fortaleza, laços familiares foram novamente aquecidos e o projeto em voga de certa forma foi metamorfoseado. Do Maranhão, a filha de Nahza (Marriba) que havia emigrado anteriormente sob as expensas do matrimônio contraído, mudou-se para a capital cearense, não sendo improvável o deslocamento de outros libaneses. A aliança nupcial entre José Salim Ary e Afife Safadi, há seu tempo, igualmente esteve imbuída em circuitos sociais mais abrangentes, valendo-se de liames com patrícios em outros estados e alimentados por tessituras mais caras a família. Sendo resultado direto das informações repassadas por um tio residente no Rio de Janeiro, com o qual a troca de cartas aparecia como uma constante.

Nesse íterim, o que os relatos nos apontam mais explicitamente é a multiplicidade de caminhos pelos quais a emigração poderia ser acesa. Mais que uma necessidade latente aos sujeitos, esta se nutria das possibilidades emergidas conjuntamente, de moradia, de acolhimento familiar, de emprego nas zonas urbanas ou de associar-se em trabalhos (em lojas ou na venda ambulante) junto a compatriotas. Uma opção estudada dentro dos termos de uma *cultura migratória*, (TRUZZI, 2008) reunindo elementos de diferentes gerações, entremeados em estruturas e contingências familiares, cujos limites pautavam um horizonte de expectativas, em certa medida, maleável e sujeito constantemente a inéditas configurações.

Fontes:

ARY, Zaíra. *Libaneses no Ceará. Um pequeno ensaio sobre os primórdios de uma imigração*. Acervo pessoal da referida autora.

NETO, Aziz Ary (Org). “**Relatos do ‘Ocidente’ Médio. A família Ary conta suas histórias**”. 2009. Acervo pessoal do referido organizador.

WALLE, Paul. **No Brasil, do Rio São Francisco ao Amazonas**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2006 [1920].

Referências Bibliográficas

BARROS, Myriam Moraes Lins de. Memória e Família. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: vol. 2, n. 3, 1989.

BASSANEZI, Maria Sílvia C. Beozzo. Família e imigração internacional. **Estudos de História**. Franca: UNESP, v. 6, n. 2, 1999.

GATTAZ, André. **Do Líbano ao Brasil**: história oral de imigrantes. São Paulo: Gandalf Editora, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990

KNOWLTON, Clark S. **Sírios e Libaneses**: Mobilidade social e espacial. São Paulo: Ed. Anhambi, 1960.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento e Silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: vol. 2, n. 3, p. 3 – 15, 1989.

SAHLINS, Marshall. **Cultura e Razão Prática**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

TAKEYA, Denise Monteiro. **Europa, França e Ceará**: origens do capital estrangeiro no Brasil. Natal: UFRN. Ed. Universitária, HUCITEC, 1995.

THOMSON, Alistair. Histórias (co) movedoras: História Oral e estudos de migração. **Revista Brasileira de História**. São Paulo: vol. 22, n. 44, 2002.

TRUZZI, Oswaldo Mario Serra. **De mascates a doutores**: sírios e libaneses em São Paulo. São Paulo: Editora Sumaré; FAPESP; Brasília-DF, 1991.

_____. Redes em Processos Migratórios. **Tempo Social, revista de sociologia da USP**. São Paulo: v. 20, n. 1, p. 199 – 218, 2008.

VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose**. 3 ed, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

VELHO, Gilberto. Projeto, emoção e orientação em sociedades complexas. In: **Individualismo e Cultura**. 8 ed, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. p. 13 - 40.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

Recebido em *setembro* de 2011

Aprovado em *outubro* de 2011